

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

**THAIS STANOSKI SANTA RITA**

**BRINCANDO DE MEDO NO TEATRO:  
EXPERIÊNCIAS TEATRAIS EM UM CAPSi DE PORTO ALEGRE**

**PORTO ALEGRE  
2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

**THAIS STANOSKI SANTA RITA**

**BRINCANDO DE MEDO NO TEATRO:  
EXPERIÊNCIAS TEATRAIS EM UM CAPSi DE PORTO ALEGRE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Teatro, pelo Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – DAD/UFRGS.

**Orientadora:  
Prof. Dra. Silvia Balestreri Nunes**

**PORTO ALEGRE  
2013**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>3</b>
<b>2 AS COISAS QUE EU SEI DE MIM</b> .....	<b>4</b>
2.1 ATÉ QUE.....	4
2.2 QUANDO AS COISAS SAEM MELHOR DO QUE O PLANEJADO .....	6
2.3 ESPAÇO DE EXPERIMENTAÇÃO .....	7
<b>3 RELATO DA EXPERIÊNCIA</b> .....	<b>8</b>
3.1 PRIMEIRO ENCONTRO .....	9
3.2 SEGUNDO ENCONTRO.....	10
<b>3.2.1 O caderninho.....</b>	<b>13</b>
3.3 TERCEIRO ENCONTRO .....	14
3.4 QUARTO ENCONTRO.....	16
3.5 QUINTO ENCONTRO .....	18
3.6 SEXTO ENCONTRO.....	19
3.7 SÉTIMO ENCONTRO .....	20
3.8 OITAVO ENCONTRO .....	21
3.9 NONO ENCONTRO .....	22
3.10 DÉCIMO ENCONTRO.....	23
3.11 DÉCIMO PRIMEIRO ENCONTRO .....	24
3.12 DÉCIMO SEGUNDO ENCONTRO .....	25
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS E OBRAS CONSULTADAS</b> .....	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho do ator compreende uma dupla função. Ele precisa ser ao mesmo tempo o laboratório (local dos experimentos) e o cientista (aquele que orienta as experiências). Para estar em cena, é fundamental que o indivíduo tenha disposição para experimentar, a fim de encontrar os recursos necessários para compor seu personagem, conseguindo contar a história que pretende. Observo em minha prática docente, a dificuldade dos alunos em sair do lugar comum, da área de conforto, e me pergunto se é possível retomar aquela experimentação descompromissada, mas concentrada, presente na Brincadeira da criança.

O presente trabalho constitui-se do relato e da análise da experiência de criação e apresentação de uma cena elaborada em um Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi) de Porto Alegre, cujo processo criativo foi mediado pela idéia do Brincar. Essa mediação é fundamentada em dois autores, Jean Pierre Rynagert (2009), e J.D. Winnicott (1975), que tratam do Jogo e do Brincar, respectivamente.

O trabalho é sobre o Teatro como um espaço de experimentação e descobertas e sobre a alegria do(s) encontro(s) nesse outro lugar, intermediário entre o sonho e a fantasia, o dentro e o fora, o real e o não real, onde a experimentação é possível.

Trata das formas que encontrei de orientar a oficina ao perseguir encontros capazes de catalisar nos participantes o desejo de experimentar de outra forma o mundo que os cerca. É também sobre a crença de que o sonho, quando compartilhado, passa a ser real.

## 2 AS COISAS QUE EU SEI DE MIM

Sempre gostei de conhecer pessoas e de estar entre elas construindo, discutindo, criando. Quando era criança, eu gostava tanto de brincar que não podia imaginar minha vida sem alguma coisa semelhante. Para fazer os cálculos na aula de matemática, inventava que estava trabalhando em um escritório, colorindo a realidade da disciplina escolar, tão desagradável para mim.

Durante toda minha infância estive envolvida com Teatro, inventando histórias e dirigindo pequenas cenas na escola e na biblioteca do bairro, sem nunca ter assistido a um espetáculo.

Eu já era adulta a primeira vez fui ao Teatro assistir a uma peça. O que eu via me deixava com a sensação de que aquilo era uma espécie de brincadeira, e as pessoas pareciam se divertir muito. Acabei decidindo fazer Teatro nessa tentativa de garantir um espaço no meu cotidiano onde eu pudesse fazer o que mais gostava: estar com as pessoas, criando e “brincando coisas” com elas. Assim decidi ser professora de Teatro.

Sempre acreditei no poder das coisas que não estão nas palavras. Sempre fui muito sensível ao poder da imagem, dos símbolos, das coisas que não têm explicação. Tudo aquilo que obedecia a uma ordem pré-determinada, tudo aquilo que tinha uma resposta certa me botava medo. Por isso, agradava-me pensar na possibilidade de compor futuramente o corpo docente de uma escola, formatada dentro de uma lógica cartesiana, mas podendo proporcionar aos alunos experiências fora da idéia de certo ou errado. Meu desejo era transformar minhas aulas em um espaço onde poderíamos – os alunos e eu - experimentar outras formas de ser.

### 2.1 ATÉ QUE...

Em 2010 encontrei pelas paredes da Universidade alguns cartazes que divulgavam as provas do Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva da UFRGS. A curiosidade pela Loucura sempre foi muito presente para mim. Quando soube da possibilidade de direcionar minha atuação profissional para o convívio com essas pessoas que até então eu pensava estarem distantes do nosso alcance, fora do convívio social, tomei a decisão de que a Residência seria meu próximo passo depois do fim da Graduação.

Em Julho de 2011 em uma viagem para Rosário, na Argentina, vivi uma experiência que me permitiu focar mais seriamente esse objetivo. Fui convidada por uma amiga a propor algumas atividades teatrais em seu local de trabalho, La Casa del Pasaje. Aquele era um espaço que agregava pessoas com as mais diversas deficiências e dificuldades. Sua finalidade era proporcionar o convívio entre as pessoas e um espaço onde elas pudessem criar novas relações: com os outros, com elas próprias. Diversas atividades eram oferecidas durante a semana na programação da casa: Teatro, Música, Leitura. A Casa del Pasaje era bastante diferente do que havia no meu imaginário sobre os espaços de convivência entre pessoas que têm algum tipo de diagnóstico psiquiátrico, comumente chamadas de Loucos: os hospícios.

Naquele espaço que eu estava conhecendo, os freqüentadores eram tratados como pessoas normais, e as suas dificuldades percebidas como apenas mais uma das tantas características que compõem o sujeito. Essa compreensão deixa de lado a dimensão limitadora de qualquer dificuldade, seja ela física ou psicológica.

O grupo era bastante heterogêneo, composto por pessoas com as mais diversas dificuldades - de aprendizado, de comunicação (um homem cego e surdo sem nenhum código de comunicação estabelecido) e de locomoção. Essa nova compreensão do sujeito despertou em mim a primeira de uma série de questões que surgiram ao longo do desenvolvimento do trabalho: Será que existem jogos dramáticos que, devidamente adaptados, possam garantir o acesso e o envolvimento de todos os participantes? Que trabalho desenvolver com um grupo de pessoas que está só aparentemente presente? Existe algum conjunto de técnicas capazes de mediar o estabelecimento de relações catalisadoras do desejo de criar (algo) coletiva e individualmente, em um grupo com essas particularidades?

Elaborei o projeto do meu Trabalho de Conclusão de Curso na busca por encontrar algumas respostas a todas essas perguntas. Durante a fase de desenvolvimento do projeto me pareceu muito audacioso propor ou orientar alguma prática. Dessa forma optei por apenas observar algum trabalho semelhante ao que eu havia conhecido em Rosário que estivesse sendo desenvolvido aqui em Porto Alegre. Ao restringir meu campo de pesquisa, optei por pesquisar Práticas Teatrais com pessoas com transtorno mental por esse já referido “encantamento-curiosidade-desejo” de contato com a Loucura.

Iniciei a pesquisa bibliográfica do projeto pelas leituras específicas da área das artes indicada no edital da Escola de Saúde Pública para a prova de seleção dos Residentes do ano de 2011. Foi assim que mergulhei no universo do Museu de Imagens do Inconsciente e de seus artistas.

Criado por Nise da Silveira, o Museu conta com diversos trabalhos desenvolvidos nos ateliês pelos pacientes que viviam em regime de internato no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II. A qualidade dos trabalhos, atestadas por críticos de arte e pelas diversas exposições que já circularam o mundo, são a prova de que aquelas pessoas, com tamanho potencial para criar, não deveriam mais ficar reclusas.

Paralelamente a isso, lia autores que já tinham tratado da Loucura, cujos trabalhos tiveram importante repercussão no processo de desinstitucionalização da loucura no Brasil: Foucault (2007) e Goffman (1974). Essas leituras foram responsáveis por me apresentar o horror das internações de outra época, revelando o potencial de adoecimento das pessoas presente nesses espaços, quando isoladas do convívio dos demais e destituídas de que qualquer possibilidade de se construírem subjetivamente.

## 2.2 QUANDO AS COISAS SAEM MELHOR DO QUE O PLANEJADO

Quando chegou a hora de executar o que havia planejado, descobri que naquele momento não estava ativa nenhuma oficina de Teatro no Hospital Psiquiátrico São Pedro, lugar onde havia previsto fazer as observações. Esse local foi eleito por mim por supor que seria o mais apropriado para esse “encontro com a Loucura” que eu tanto desejava. Com esse imprevisto, foi preciso encontrar outro lugar para desenvolver meu trabalho.

Através da indicação de uma amiga, cheguei ao Centro de Atenção Psicossocial Infantil Casa Harmonia. De acordo com o relatório final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial de 2011, o CAPS é um dispositivo fundamental do modelo de atenção Psicossocial substitutivo ao hospital psiquiátrico. Os CAPS diferenciam-se pelo porte (CAPS I, II e III) e pela clientela (CAPSi para o público infanto-juvenil e CAPSad para usuários de Álcool e outras drogas).

Na tentativa de encontrar mais informações sobre o local onde iria desenvolver meu trabalho, fiz uma rápida busca pelo Google com o nome dessa instituição. No *site* do Ministério Público, a clientela consta descrita como “crianças e adolescentes, psicose e neurose grave<sup>1</sup>”. No site da Prefeitura de Porto Alegre, consta descrito que o CAPSi Casa Harmonia “oferece tratamento e reabilitação à crianças e adolescentes, de 7 a 18 anos, com transtornos mentais severos e persistentes<sup>2</sup>”.

Eu criei fantasias com relação às pessoas que iria encontrar. Imaginava que encontraria gente com dificuldade de compartilhar o tempo e o espaço com outras, por “preocupação excessiva” com suas próprias questões, ou por medicação.

### 2.3 ESPAÇO DE EXPERIMENTAÇÃO

A terceira parte da vida de um ser humano, parte que não podemos ignorar, constitui uma área intermediária de *experimentação*, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa (WINNICOTT, 1975, p. 15).

Winnicott (IBID) compreende que entre o indivíduo e o mundo exterior há um espaço de experimentação, que se desenvolveria durante a infância. A Brincadeira estaria situada justamente nesse espaço, onde o indivíduo teria a possibilidade de se relacionar com os elementos externos a ele em caráter experimental.

Ryngaert(2009) valendo-se das propostas de Winnicott, propõe que o Jogo estaria situado nesse mesmo espaço e seria comum ao Teatro, a comunicação e a terapia. Sua atenção nas aulas de Teatro é voltada para a capacidade de jogo do aluno, e para a possibilidade do desenvolvimento dessa capacidade.

A partir das compreensões de Winnicott (IBID) sobre a brincadeira como um espaço onde há liberdade de experimentações sem risco para a criança, e da relação que Ryngaert (2009) faz desse espaço com o Jogo no Teatro, busquei, durante toda a oficina, proporcionar a criação desse espaço de experimentação proposto pelos autores. Ampliando a área onde exerceríamos nossa criatividade, trouxe o caderninho e a ideia de criarmos além da cena, também a história, proposta que explicarei mais adiante.

---

<sup>1</sup> <http://www.mp.rs.gov.br/dirhum/recursos/id168.htm> - Acessado em 14 dez 2012.

<sup>2</sup> [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/default.php?reg=2&p\\_secao=834](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/default.php?reg=2&p_secao=834) – Acessado em 14 dez 2012.



Nossa capacidade de criar coletivamente um desafio e de, através desse coletivo, superá-lo foi citado por todos em nosso último encontro. Era possível ver a sensação de potência criativa que envolvia a todos que tinham participado do processo, e o orgulho pelo trabalho que havíamos desenvolvido, trabalho nosso, com nosso jeito.

### **3 RELATO DA EXPERIÊNCIA**

Antes do primeiro encontro com os freqüentadores da Oficina de Teatro fui ao Casa Harmonia para conhecer o lugar e a residente da ESP, L., responsável pela Oficina de Teatro. Ela foi muito simpática e desde o primeiro momento se mostrou bastante disposta a compartilhar comigo a oficina. Nesse dia fiquei sabendo que não havia nenhum residente do Teatro atuando naquele espaço. L., cuja formação era em Enfermagem, disse que havia se disposto a exercer essa função porque sempre gostou de teatro. A oficina acontecia em um encontro semanal de 1h e 30 min. A oficina era dividida com B., aluna do curso de Psicologia. Percebi em ambas o desejo de desenvolver um trabalho com Teatro, mas, conforme L. me disse, por falta de formação específica nessa área muitas vezes elas não sabiam o que propor aos freqüentadores da Oficina. Dessa forma elas costumavam usar um jogo de Mímica nas Oficinas de Teatro.

L. me contou que haveria no final de outubro a tradicional festa de Halloween do CAPSi Casa Harmonia. Essa festa seria a despedida de R., freqüentador da oficina de Teatro, que completaria 18 anos no mês da festa. Nesse dia também fui apresentada para a coordenadora do CAPS que demonstrou bastante contentamento por minha presença ali, relatando a carência de alguém com formação específica para trabalhar na Oficina de Teatro. Uma das psicólogas, A., fez questão de me mostrar o vídeo de uma cena que foi apresentada em uma festa de Halloween de aproximadamente dois anos atrás, que havia sido elaborada por um residente do Teatro que trabalhava na Oficina. Fiquei bastante impressionada com a apresentação, e com a desenvoltura dos que estavam cena. Saí de lá com a certeza de que era bem-vinda, e bastante entusiasmada para conhecer o grupo com o qual iria trabalhar

### 3.1 PRIMEIRO ENCONTRO

Reivindico aqui um estado intermediário entre a inabilidade de um bebê e sua crescente habilidade em reconhecer e aceitar a realidade. Estou, portanto, estudando a substância da *ilusão*, aquilo que é permitido ao bebê, e que na vida adulta, é inerente à arte e à religião, mas que se torna marca distintiva da loucura quando um adulto exige demais da credulidade dos outros, forçando-os a compartilharem de uma ilusão que não é própria deles. Podemos compartilhar do respeito pela *experiência ilusória*, e, se quisermos reunir e formar um grupo com base na similaridade de nossas experiências ilusórias. Essa é uma raiz natural do agrupamento entre os seres humanos (WINNICOTT, 1975, p. 15)

Meu objetivo para esse primeiro dia era convocar o grupo para uma experiência de compartilhamento de uma ficção, tarefa complexa que exige uma série de aptidões. Persigo em especial duas delas nessa oficina: a capacidade de distinção entre o real e a ficção, e a capacidade de dividir essa ficção com outras pessoas.

Na primeira vez que estive com os frequentadores da Oficina de Teatro, no dia 06 de setembro, estavam presentes apenas dois adolescentes, J.(15 anos), R., (17 anos) e L., a residente que eu já conhecia. Iniciamos nosso encontro organizando os bancos da sala de forma que estivéssemos de frente uns para os outros. Começamos as apresentações dizendo nossos nomes, idade, e relação com o CAPS. Quando chegou a minha vez, disse a eles que estava ali para realizar a parte prática do meu Trabalho de Conclusão do curso de Licenciatura em Teatro, e que estava muito contente pela oportunidade de estar participando do grupo.

Quando R. se apresentou, disse que em outubro faria 18 anos e que por isso participaria da Oficina somente até a festa do Halloween. Nesse momento fizemos, L. e eu, a proposta de montar uma cena para apresentar nessa festa como uma dupla celebração: do dia das bruxas, e da saída de R. Os adolescentes demonstraram bastante entusiasmo com a idéia, e já começamos a conversar sobre o que queríamos apresentar.

Durante nossa conversa, A. deu a idéia de convidarmos as meninas que participavam de uma Oficina que acontecia naquela mesma hora na sala ao lado, para se agregarem ao nosso grupo. Nesse dia acabamos só conversando. Depois das apresentações, falamos sobre quais nossas expectativas com relação à prática do Teatro, e com relação à construção da cena.

Saí desse encontro bastante impressionada com a desenvoltura dos adolescentes. O cenário era bastante diferente daquele que vinha imaginando

durante o desenvolvimento do projeto do trabalho, quando eu supunha que minha maior dificuldade seria ter os participantes presentes e ativos. Agora que eu já os conhecia, sentia que os desafios seriam outros, mas sem imaginar ainda quais seriam eles.

### 3.2 SEGUNDO ENCONTRO

Desejo que o surgimento de ficções suscite uma reflexão sobre a interioridade do sujeito e sua expressão (RYNGAERT, 2009, p. 24).

No dia treze de setembro, recebi a ótima notícia de que as adolescentes da sala ao lado tinham aceitado migrar para nossa oficina de teatro. São elas Bb.(17 anos) Jj (15 anos), e Jjj (16 anos). Nesse dia conheci a outra residente responsável pela oficina, B. Eu já tinha encontrado com ela em outros lugares e a conhecia de vista (temos vários amigos em comum, mas nunca havíamos sido apresentadas). Essa familiaridade, e o seu visível interesse em compor o grupo me animou bastante! Com tanta gente nova, foi preciso iniciar esse encontro com outra rodada de apresentações. Agora tínhamos mais três adolescentes, com idades entre 15 e 17 anos. Fiz questão de dizer que estava muito contente com a presença delas na oficina, e que quanto mais gente no grupo melhor, já que o Teatro é uma arte que precisa de grupo, de pessoas, convidando-os ao meu propósito de criar uma história que falasse de algo que mobilizasse todos nós. Esses seriam nossos desafios: primeiro inventar uma história, e depois uma maneira de mostrá-la às outras pessoas.

Desde o início desejei trabalhar com o grupo a partir de uma história que fosse pensada por todos. Entretanto estava longe de pensar que o texto prévio é limitador e de fazer críticas àqueles que optam por utilizar um texto pronto. Com essa ideia meu objetivo era apenas proporcionar mais um desafio de criação para o grupo. Teríamos que criar uma história que todos tivessem vontade de contar, inventando um espaço ficcional que todos desejassem habitar.

Assim, pedi a eles que trouxessem na semana seguinte qualquer coisa que pudesse servir de estímulo para nossa criação, e disse que o tema da nossa cena surgiria desse material. Expus a necessidade de fazermos algo que realmente nos motivasse, pois sem esse desejo nosso trabalho perderia o sentido em pouco tempo.

Nesse dia levei um caderninho pequeno de folhas verdes de papel reciclado de capa azul. Apresentei o caderninho dizendo que era do grupo, e que todos poderiam escrever ou desenhar ou fazer o que quisessem com ele. Durante a conversa, ele acabou sendo apelidado de *Facebook* por causa das suas cores.

Nesse mesmo dia começamos a elaborar estratégias de ação, já que teríamos poucos encontros (5 aproximadamente, pois haveria o feriado do dia 20 de setembro) até o dia da apresentação, que, embora ainda não tivesse sido definida com exatidão, seria no final do mês de outubro.

Quando perguntei ao grupo se alguém tinha alguma idéia de tema para nossa criação, R. disse que seria legal fazer uma cena com muitos elementos assustadores. Foi então que B., a residente de psicologia, disse já ter pensado em uma história. Ela havia tido essa ideia a partir da imagem de um catador de papéis na rua, que usava um filtro dos sonhos pendurado no carrinho de supermercado onde levava os papéis que ia juntando. A ideia de B. era trabalharmos na cena com coisas que nos dessem medo, e superá-los dentro da história através do uso de um filtro dos sonhos. Ela também propôs que um filtro fosse feito durante o desenvolvimento da cena. Todos gostaram da ideia, de forma que passamos então a listar nossos medos no caderninho:

- Morcego
- Roda Gigante
- Cobra peçonhenta
- Rato
- Barata
- Cavalo
- Cobra
- Cobra e ver pessoa morta no caixão
- Passar vergonha.

Depois das conversas, nas quais combinamos que cada um iria copiar a lista, levá-la para casa e voltar com uma ideia de como montar uma história com esses elementos, propus que mexêssemos nossos corpos. Arredamos os bancos, ampliando o espaço da sala. R. sugere um movimento que ele conhece para

“espantar” a preguiça. Ele nos mostra o que deve ser feito, e todos repetimos. Depois desse movimento, proponho a eles um jogo de seta bastante simples, cujo objetivo é o foco. Explico que é importante não deixar dúvidas da pessoa para quem estamos lançando a energia, reforçando a importância de fazer o lançamento dessa energia com o corpo todo.

Depois de algum tempo, quando já havíamos estabelecido esse lançamento, proponho que comecemos a transformar essa energia que havíamos recebido do colega antes de lançarmos para outra pessoa. Fiquei bastante satisfeita com o envolvimento do grupo na atividade. Todos experimentaram em seus lançamentos a diferença entre lançar coisas grandes e pequenas, ou leves e pesadas.

Ver esse desenvolvimento da atividade me incentivou a propor um novo desafio: o “conta 20”. O jogo funciona assim: andando pela sala, todos devem contar até o número 20. Porém, os números devem ser ditos por uma pessoa de cada vez. Quando duas pessoas falarem juntas, a contagem volta para o zero. O objetivo deste jogo é treinar a escuta do grupo, desenvolvendo um ritmo comum, que somente consegue se estabelecer conforme vamos avançando na contagem.

Fiquei impressionada com a concentração do nosso grupo, já que os adolescentes têm normalmente uma dificuldade maior de conseguir atingir um estado de concentração. Não por acaso, propus esse jogo: eu havia feito a mesma proposta na noite anterior, com a turma do meu estágio curricular de Ensino Médio, e eles mal conseguiram chegar ao número 15. Claro, tenho a consciência de que a quantidade de alunos influencia na conclusão do desafio (a minha turma de estágio tem quase o dobro de alunos dessa turma do CAPSi). De qualquer forma, o nível de concentração que havíamos conseguido atingir me chamou bastante a atenção. Ao final do exercício, que se concluiu bem rápido, todos batemos palmas, comemorando nosso êxito.

Para não perder essa energia, junto rapidamente um clipe de papel que estava no chão, e proponho que experimentemos inventar uma história coletivamente: quem está com o clipe na mão tem a palavra. Quem acabar de falar deve passar o clipe para a pessoa, que deverá continuar a história.

Todos caminham pela sala, e em pouco tempo observo que estamos andando em círculos. Daí para adiante a história lentamente começa a perder o sentido, porque quem fala se alonga demais em detalhes muito específicos fazendo, por exemplo, com que alguns personagens progressivamente desaparecessem

misteriosamente da história. Além disso, outra coisa que nos atrapalha é que cada qual quer contar a sua história, não respeitando a dos outros. Naturalmente vamos todos parando de andar, e a história acaba sem final, repentinamente. Vamos para o lanche, e assim encerramos nosso primeiro encontro em grande grupo. Logo que termina, percebo que deveria ter investido em um encerramento mais pontual da aula, e decido mudar esse momento no próximo encontro.

A partir desse primeiro contato e da impressão que ele me deixou, decido utilizar o mesmo planejamento nos dois locais onde estou trabalhando com o teatro, exatamente como fiz com a atividade de contar juntos até 20. Os frequentadores da Oficina do CAPSi eram adolescentes como os alunos do Emílio Meyer, e confesso não ter percebido diferença na forma como os dois grupos se engajava nas atividades propostas por mim. A capacidade de jogo independia de qualquer diagnóstico. Assim, decidi propor no CAPSi Casa Harmonia o mesmo que no meu estágio curricular na escola Emílio Meyer, cuja aula acontece na noite anterior ao meu encontro com o pessoal do CAPS.

### **3.2.1 O Caderninho**

Já faz bastante tempo que utilizo caderninhos para anotações. Inicialmente eram bem pequenos: para escrever era preciso boa destreza manual. Me encantava ter, naquele pequenino espaço, a possibilidade de fazer o que quisesse. O caderninho era algo que pertencia somente a mim.

Os primeiros eram recheados de poemas, desenhos e referências de filmes, músicas, livros. Tem também escritos de amigos, colagens. A coragem de experimentar as possibilidades daquele espaço transbordou, do conteúdo para a forma, quando passei eu mesma a fabricar meus cadernos.

Iniciei com eles bem pequenos, tendo como medida  $\frac{1}{8}$  de uma folha A4. Pouco tempo depois passaram a ter  $\frac{1}{4}$  de uma folha A4. Mais algum tempo e os cadernos já tinha o tamanho de  $\frac{1}{2}$  folha de ofício. A essas alturas eu também elaborava capas para eles, com desenhos ou colagens.

Durante a graduação, na disciplina de Metodologia do ensino do Teatro com a professora Vera Bertoni, tive a experiência de compor coletivamente um caderno. Ele era grande, bastante espaço, bem diferente do que eu estava acostumada. O fato de dividir entre a turma esse caderno também foi uma novidade importante para

mim. Aquilo era muito mais do que somente compartilhar um caderno. O que eu dividia era um espaço, era o meu processo, a minha forma de expressar aquela experiência. Levei o caderninho para a oficina na tentativa de compartilhar com eles essa outra forma de compartilhar um espaço.

### 3.3 TERCEIRO ENCONTRO

Estamos em constante pesquisa de soluções provisórias (RYNGAERT, 2009, p. 23).

No dia 27 de setembro, dando continuidade ao que foi feito no encontro anterior, proponho um jogo de flecha, que começa simples, e vai ficando mais elaborado conforme vamos vencendo as etapas. Depois que entendemos que devemos lançar essa energia com todo o corpo, digo que agora esse lançamento deve ser feito através de uma batida no chão com o pé e uma batida de palma com as mãos. Depois de algumas tentativas e algumas observações que fiz sobre a diferença entre fazer as batidas ao mesmo tempo e fazer uma de cada vez, todos compreendem o que deve ser feito. É divertido: a cada rodada alguém diferente erra, e quando pensamos que já está completamente dominado o movimento, somos pegos de surpresa por nossos próprios erros.

O próximo passo é exatamente o oposto do anterior: primeiro a batida com a palma, depois a batida do chão com o pé. Essa é a parte que acho mais divertida no exercício, pois o corpo, depois de “acostumado” a uma determinada combinação, tem certa dificuldade de se adaptar ao inverso dessa execução. Uma coisa é certa: com a dificuldade surgem também as risadas. Lembro dos professores no início da Graduação dizendo que não deveríamos desperdiçar nossa energia em risadas, fazendo sucessivos apelos à nossa concentração, e repito o pedido dos meus professores ao grupo. A concentração vai surgindo, lentamente estamos todos atentos a essa direção que circula pela sala. Estamos todos juntos, compartilhando nossa atenção na tentativa de acertar um ritmo comum.

O terceiro estágio desse jogo consiste em alternar o modo como a energia é recebida e enviada. A combinação fica *pé, palma, palma, pé*. Na primeira vez que fiz esse jogo tive muita dificuldade, e confesso que precisei exercitar esses movimentos muitas vezes para conseguir manter um ritmo.

Algum tempo depois, quando eu já tinha certeza que deveria encerrar a atividade para somente retomá-la no nosso próximo encontro, conseguimos cumprir o objetivo por um número maior de vezes, e quase conseguimos manter o ritmo que se estabeleceu por um tempo mais longo. Essa vitória do grupo, que comemorei com pulos e berros de entusiasmo, nos encheu de energia para o próximo desafio.

Já tínhamos pensado, no encontro passado, em uma pequena base do que seria nossa história. Hoje deveríamos esboçar a primeira e a última cenas. Pensaríamos em como recheiar o espaço entre esses dois extremos de dentro da própria cena. Eu dizia que nosso objetivo era inventar um jeito diferente para cada vez que fizéssemos a cena, que nossa busca agora era criar a primeira e a última cenas.

Decidimos que a história seria assim: seríamos humanos até a chegada de uma bruxa que iria nos transformar nos elementos da nossa lista de medos. Depois de uma breve discussão sobre a divisão dos medos em que cada um viria a se transformar, descobrimos que ninguém estava disposto a encarnar o próprio medo. Achei interessante. Ver nossos medos nos outros nos permitiria ter com eles um contato mais direto. Partimos para a improvisação com um combinado: em cena era preciso fazer uma bruxa aparecer, e criar os momentos em que, enfeitados, nos transformaríamos nos medos dos colegas.

Depois disso, um vazio: deveria existir alguma relação entre esses medos todos. Na primeira vez que propus que improvisássemos a história, percebi que havia algo que parecia uma falta de coragem deles em se colocarem. Ninguém sabia como fazer, como iniciar a cena.

Eu disse a eles que para conseguirmos compor a cena era só prestar bastante atenção ao que estava acontecendo, à brincadeira dos outros. Esse momento de criação sempre foi momento favorito do processo, pois é quando as coisas ainda não são aquilo que serão depois, ainda não se provou de tudo e tudo existe como possibilidade.

Começamos a cena. “Depois que eu disser ‘já’ a gente não pode parar, tem que inventar!”. Então J. entra em cena, bastante desenvolvido. Senta em um banco, e começa a contar um sonho que teve com uma cobra, dizendo que tem muito medo de cobra. Entra em cena B. contando a J. sobre seu medo também. Assim, um por um dos integrantes da oficina vai entrando em cena e se agregando à conversa. Em determinado momento J. diz que ouviu falar que andava solta por ai uma bruxa má.



Bb, ainda fora de cena, assume o papel da bruxa, e aparece no meio da nossa conversa, dizendo que havia ficado com raiva por ter sido chamada de bruxa má, nos enfeitando e nos transformando nos medos que haviam sido listados.

No momento da transformação, magicamente nossos corpos assumem outras formas: cavalos, morcegos, ratos, cobras. Fico feliz quando vejo que não há muitas resistências, que estamos todos brincando de maneira bastante séria. A concentração é sensivelmente sentida e fica aparente no tempo em que a cena dura. Quando a bruxa boa aparece e nos liberta do feitiço da bruxa má, voltamos a nossa forma original de seres humanos.

Quando a história chega ao fim, sinto que vivi uma experiência muito importante. Quando nos vejo fazendo, quando nos vejo acreditando e confiando uns nos outros, fico bastante emocionada. Convido a todos para fazer um círculo e agradeço aos colegas pelo trabalho que foi desenvolvido hoje.

Refletindo sobre a dificuldade que observei no grupo para começar a improvisação, me pergunto qual a melhor forma de lidar com o medo de criar que os frequentadores da Oficina sentem quando utilizo termos específicos do Teatro. Como transformar esse medo do grupo em potência? Penso na função do medo, que ele mobiliza nas nossas ações e sigo inquieta até o encontro da próxima semana. Desenho cronogramas e invento uns exercícios. Pesquiso outros exercícios – Viola Spolin, Augusto Boal – para depois inventar sobre o que foi encontrado, na tentativa de ter algum terreno onde pisar.

### 3.4 QUARTO ENCONTRO

É no brincar e somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e usar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self) (WINNICOTT, 1975, p. 80).

No dia vinte e sete de setembro tivemos a confirmação da data da nossa apresentação! A festa de Halloween do CAPS Casa Harmonia seria no dia 01 de novembro. Naquele momento, conseguimos contabilizar o número de ensaios que teríamos até o dia da apresentação e ficou mais claro para todo o grupo que tínhamos pouco tempo, apenas quatro encontros até o dia da festa. Tornou-se consenso que talvez fosse preciso um ensaio extra. Propus então que tal dia seja

seguido de um passeio, atendendo a um convite que R. havia feito ao grupo de irmos até a ACM assistir ao seu treino de basquete.

Retomei o jogo da flecha que havíamos feito no encontro passado. Percebi a mesma concentração, a mesma entrega e a mesma criatividade. Quando vi o grupo super entregue, senti repentinamente uma insegurança. Desde que tinha saído do encontro anterior só pensava em como iríamos criar as cenas. Pensava em técnicas, pensava em estímulos, mas nada me parecia muito apropriado. Eu tinha passado uma semana bastante preocupada com o trabalho, preocupada por não saber o que fazer. E parece que as coisas novas só surgem mesmo depois da crise, quando constatamos que as coisas velhas, aquelas que já sabemos, não dão mais conta de resolver nosso problema. O que fazer, então, com a turma toda ali, bastante disposta a participar? Enfrentar meu medo, e deixar que as coisas acontecessem no ritmo do próprio grupo.

Foi aí que tive a ideia de dizer a eles que aquilo tudo era apenas uma forma mais organizada de Brincar, em que não havia certo e errado. Inspirei-me pela ideia da Ryngaert (2009) que propõe a derrubada da fronteira entre atores e não atores ao situar seu interesse no jogo.

Insubstituível espaço intermediário [...], provém dessa situação de entrelugar, nem no sonho nem na realidade, mas numa zona intermediária que autoriza a multiplicação das tentativas com menores riscos (RYNGAERT, 2009, p. 24)

A Brincadeira era algo que já havia sido experimentada por todos nós, e nos colocava em grau de igualdade para criar. Nesse dia, escrevi no caderninho uma descoberta e o resumo do que tínhamos acabado de criar:

Para tudo! Não vamos improvisar! Vamos Brincar! A história improvisada é: J. começa falando do medo dele e vamos nos agregando e falando dos nossos medos. Aí alguém fala da bruxa má, ela chega e nos transforma nos animais. (Desenvolver esse meio). Até que chega a bruxa boa e nos liberta do feitiço. Fazemos uma festa para ela. (Diário de Campo).

Na outra página, com a letra de B., uma listagem das combinações que fizemos sobre o próximo encontro. Um dos itens da lista é bastante interessante: Cada um dos personagens será pesquisado pelos atores. E, mais abaixo, uma listagem com o nome de cada um dos atores relacionados a um medo.

### 3.5 QUINTO ENCONTRO

No momento da construção da obra, hipóteses de naturezas diversas são levantadas e vão sendo postas à prova. São feitas seleções e opções que geram alterações e que, por sua vez, concretizam-se em novas formas. As testagens que geram novas formas são responsáveis pelo movimento criador (SALLES, 2011, p. 144).

Dia quatro de outubro, primeiro encontro no mês da apresentação. Nova lista de nomes e medos relacionados. Nesse dia tudo muda, a história já é outra.

Hoje J. disse no primeiro momento do encontro que não estava satisfeito com aquilo que estávamos fazendo. Disse que a história não estava muito legal, e, para minha surpresa, outras pessoas concordaram. Eu disse a eles, então, que ainda dava tempo de mudar a história, desde que fôssemos capazes de criar outra rapidamente, que já pudesse ser ensaiada naquele mesmo dia, surpresa com a revelação. O tempo era curto, teríamos poucos ensaios até o dia da apresentação.

Essa colocação feita por J. me deixou “sem chão”. Nossa cena não estava nem pronta ainda, e já iríamos abandoná-la. Era um convite a experimentar outra coisa, a sair daquilo que já estava determinado, e isso é que me deixou com medo. Ainda bem que, desde o início, nossas descobertas foram feitas brincando, e, dessa forma, era nessa mesma brincadeira que eu encontraria meu porto seguro. Se brincando inventamos a primeira história, brincando inventaríamos a segunda, sem problemas.

Prontamente o J. criou uma nova história. Uma menina que tem pesadelos, uma mãe que conta historinhas. Ainda temos um filtro dos sonhos, e ele continua sendo a arma da nossa heroína contra seus medos. Nesse dia, A. experimenta ser a mãe da criança, bem como a Jj., que posteriormente passa a assumir esse papel. Para mim foi bastante importante ter a participação dela na cena, já que, desde o início, ela sempre se mostrou bastante tímida sem muito interesse em participar, sendo nossa espectadora nas poucas vezes em que esteve presente. Quando a menina dorme, o que vemos é uma invasão de seres assustadores, vários lhe assombrando.

Repetimos várias vezes a cena. Nas primeiras vezes, todos os monstros entravam juntos. Foi através dessa repetição que o grupo observou a necessidade de limpar algumas coisas, como os sons e nossos movimentos: “A gente tá muito embolotado, né?”, me perguntou o J., e eu fiquei bem feliz porque ele havia

percebido aquilo que eu já tinha visto, mas que ainda não tinha dito. Os colegas concordaram.

Essa “limpeza” implicava em uma ordem para as entradas dos monstros e para as suas falas. Dessa ordem também dependeria a interferência da mãe durante o pesadelo da criança. Nesses ajustes experimentamos diferentes ritmos para os acontecimentos, diversas maneiras de fazer uma mesma historinha, de forma concentrada, mas bastante divertida.

No final do encontro, uma conversa e um balanço do nosso trabalho antes de irmos para o lanche. No caderninho, a letra da L. a caneta vermelha e o cronograma dos nossos próximos ensaios.

### 3.6 SEXTO ENCONTRO

Fazer depende de uma pulsão de vida que leva o indivíduo a criar de todas as maneiras, em seu jardim ou em sua cozinha, já que a criação é “inerente ao fato de viver” e permite ao indivíduo a abordagem da realidade exterior (RYNGAERT, 2009, p. 40).

No dia onze de outubro tivemos a presença de uma nova psicóloga do CAPS na nossa oficina, e a ausência de Jj. Surge então uma dúvida coletiva sobre o que fazer. Precisávamos ensaiar, mas um “dos principais”, como diziam os adolescentes, não estava presente.

A nova psicóloga sugeriu que a menina tivesse um pai ao invés de uma mãe. O J. topou ser o pai, e o que vimos foi uma cena muito interessante e bem conduzida por eles. Era visível o crescimento do nosso trabalho, um pouquinho por vez e a partir de muitas mãos, como sempre acreditei que deveria ser a construção de uma cena: O compartilhamento de um processo criativo.

Nas vezes em que brincamos de fazer a cena, começaram a surgir falas da Bb. Que, depois de experimentadas, eram mantidas. Nesse ensaio, ela disse ao pai que tinha chutado a canela da professora, ao que ele respondia que alguns monstros viriam pega-la, já que é coisa muito feia chutar a canela da professora.

Encerramos nosso encontro com o compromisso de ninguém faltar mais a nenhum ensaio. Nosso prazo estava se esgotando, e ainda tínhamos muitas coisas a resolver. Sabia que ainda tínhamos muito para organizar, e que seria preciso introduzir algum elemento sonoro que pudesse dar ritmo à cena. Precisávamos também encontrar elementos que comunicassem que a menina estava sonhando.

Propus a todos que trouxessem, para o próximo encontro, objetos que eles acreditavam que poderiam nos ajudar a contar a cena. Pensei em utilizar esses objetos em busca de um som que pudesse ser produzido de dentro da própria cena. Mas seguia sem muitas certezas, tateando um caminho, com a certeza de que não estava sozinha.

Nesse dia, um acontecimento fora do comum me chamou a atenção: durante o ensaio, percebi que Jjj. se sentia mal. Quando vi, ela estava revirando os olhos, encostada na parede do fundo da sala, atrás dos outros colegas que estavam esperando para entrar em cena. Quando perguntei a ela discretamente o que estava acontecendo, ela disse que “estava impregnando o remédio”. Sem saber o que fazer, saí com ela da sala. Sentamos no hall do CAPS, e, antes que eu precisasse procurar ajuda, A. já estava atrás de mim. Deixei as duas juntas e voltei para a sala. Alguns minutos depois, Jjj. já estava de volta, aparentando bastante disposição. No fim do encontro fui conversar com a A. para saber o que tinha acontecido. Ela me disse que era normal a Jjj. ter esse comportamento, que não era a primeira vez que isso acontecia. Disse-me que, da outra vez, foi durante uma festa no CAPS. Essa observação me deixou até feliz, pois senti que aquilo que estávamos fazendo estava mexendo de alguma maneira com Jjj. Fiquei tranqüila por ver que ela voltou bem para a sala, e conseguiu continuar a brincadeira.

### 3.7 SÉTIMO ENCONTRO

O jogo coloca-se acima do teatro e acima da terapia, como uma experiência sensível fundadora do desenvolvimento do indivíduo em sua relação com o mundo, no âmago do campo cultural (RYNGAERT, 1975, p. 41).

Iniciamos nosso encontro do dia dezoito de setembro com nossa tradicional conversa. Depois de algumas combinações e de esperar a chegada de J., percebemos que, para podermos ensaiar, seria preciso que alguém o substituísse na função de pai da menina.

Depois de perguntar se alguma das meninas se interessava pelo papel de mãe, descobrimos que Jjj. estava bastante disposta, o que me deixou bem contente. Já havia explicitado ao grupo meu desejo de aparecer o mínimo possível na cena, e que por isso não queria ser a mãe da criança como havia proposto a A. Sempre

pensei que este espaço deveria ser ocupado por algum dos frequentadores da oficina, por ser um dos personagens protagonistas da cena.

Jjj. ao entrar em cena nos comove com o carinho com que trata sua filha. É bom de ver as duas adolescentes contracenando, com maior ou menor grau de gentileza na ocupação da cena. Com essa experiência, percebi que não precisava mais ter medo, o grupo daria conta. Brincando, encontramos um jeito de contar uma história, e, por isso, protagonizar a cena não parecia tão assustador.

No final do nosso encontro, disse a eles que estava bastante satisfeita com nosso trabalho naquele dia, pois era mais visível, agora, a importância de sermos generosos uns com os outros em cena. As adolescentes riram e concordaram quando eu disse que a gente não devia “sacanear” o colega com quem compartilhamos a cena. Fomos contentes para nosso lanche, onde continuamos conversando sobre nosso encontro.

Saí do CAPS com a certeza de que devíamos investir em um refinamento técnico maior. Penso que a brincadeira serve para desbloquear nossos medos do desconhecido, contudo, para que nossa cena ganhasse em qualidade, chegou a hora em que devíamos investir em algo mais técnico.

### 3.8 OITAVO ENCONTRO

No dia vinte e cinco de outubro já tínhamos toda a base da nossa história mais sólida. Era o momento de investir em uma pesquisa de deslocamento para o corpo daqueles personagens que comumente chamávamos de *Monstros*. Depois de tentarmos trabalhar dentro da nossa sala, decidimos ir para a quadra poliesportiva, no quintal do CAPS.

Seguindo a mesma linha de trabalho, propus uma brincadeira. Minha idéia foi usar uma versão de uma brincadeira infantil chamada “Mamãe, posso ir?”, na qual uma pessoa de costas deve ser alcançada pelas pessoas que estão do lado oposto do espaço. Eu dizia a eles que quem deveria caminhar eram os personagens. “Como a barata caminha? E o morcego, como voa?”.

Como estímulo, para cada vez que atravessávamos o espaço da quadra poliesportiva, eu propunha uma qualidade para essa caminhada: leve/ pesada ou forte/ fraca. Depois de algumas repetições, a brincadeira já havia naturalmente se alterado, demonstrando uma forma bastante orgânica de funcionamento do grupo.

Mudou também a pessoa que fugia, primeiro R, depois Bb. A ideia era propor a Bb. que experimentasse suas reações ao ser assombrada pelos monstros enquanto dormia, criando formas de mostrar essa reação de medo.

Enquanto íamos experimentando corpos leves, pesados, lentos ou rápidos, íamos comentando o que víamos que ia ficando interessante no trabalho dos colegas. Foi assim que lentamente nos entregamos para a proposta, que iniciou tímida e que demorou certo tempo para “engrenar”.

Nesse dia tivemos nosso primeiro espectador: enquanto perseguíamos a Bb. como monstros, um homem parou no portão do CAPS para ver o que estávamos fazendo. Rapidamente a Bb. gritou: “Não é nada demais, somos todos normais!”, e nesse momento ficou bem visível para mim o desejo dela de não ser taxada como diferente. Tanto para a B., quanto para mim foi bastante fácil dizer para ela que “Normal não Bb., normal é chato demais!” – entre risos – , e isso me deixou pensando pelo resto da semana. Para alguém que não tinha a vivência do estigma, era muito fácil dizer que era “chato ser normal”. Essa fala me pareceu bastante injusta com Bb., apesar de inocentemente espontânea.

### 3.9 NONO ENCONTRO

Criar livremente não significa poder fazer qualquer coisa, a qualquer momento, em quaisquer circunstâncias e de qualquer maneira. As delimitações são como as margens de um rio pelo qual o indivíduo se aventura no desconhecido (SALLES, 2011, p. 69).

O encontro anterior havia sido bastante divertido! Nossa história já estava delineada de maneira mais clara, já tínhamos trabalhado mais objetivamente nosso deslocamento e hoje, trinta e um de outubro, ensaiaríamos no próprio local da apresentação. Além disso tudo, foi o primeiro ensaio com nosso músico, T. O CAPSi estava sendo decorado para a festa do dia seguinte, e a movimentação no hall de entrada estava bem intensa.

Com a chegada de T. ao ensaio, percebemos, L., B. e eu, uma reação inesperada de Bb. Ela alegava vergonha de entrar na sala de aula porque o músico era, segundo ela, muito bonito, de forma que demorou um certo tempo até que ela voltasse para a sala.

Iniciamos novas apresentações enquanto aguardávamos a chegada da Jjj., até que a L., após ter telefonado para ela, disse que ela tinha se esquecido do ensaio, mas que viria para a apresentação amanhã. Solicitamos a A. que substituísse a mãe e, quando conseguimos nos reunir, nos dirigimos para o hall do CAPSi a fim de iniciar nosso ensaio.

Tudo aconteceu no meio das pessoas, durante a decoração do espaço. Quando o som da flauta tocou, ficou muito claro pra mim a importância dela para nos ajudar a contar nossa história. Com o som e com as bolinhas de sabão era possível enxergar o caminho do sonho ao pesadelo e de volta ao sonho. Além disso, a música servia de referência para o grupo, nos dando margens mais sólidas para o trânsito da cena.

Sáímos do ensaio com bastante ânimo para a apresentação do próximo dia. Eu estava especialmente ansiosa, e muito contente com o resultado do nosso processo, torcendo para que conseguíssemos repetir em público o que já havíamos experimentado em grupo.

Depois do fim do ensaio, fui com B. e L. assistir ao treino de basquete de R. Essa foi uma oportunidade muito importante para nos conhecermos melhor, e para trocarmos idéias sobre o processo de criação da cena, sobre nossa participação e tudo o mais que estava envolvido. R., enquanto jogava, ia contando as regras do jogo, e parecia bem contente com nossa presença ali.

### 3.10 DÉCIMO ENCONTRO

Dia primeiro de novembro: Apresentação! Dia da festa do halloween no Casa Harmonia! Cheguei bastante ansiosa, queria encontrar o grupo, ver se estavam ansiosos assim como eu.

Para minha surpresa encontrei as meninas bem tranquilas, na salinha onde acontece a nossa oficina com a L. Enquanto íamos fazendo nossas maquiagens, cortei o lençol branco que levei para o meu figurino. Algum tempo depois nos disseram que talvez houvesse a necessidade de apresentar nossa cena mais cedo. Essa notícia me deixou mais nervosa ainda, porque ainda estávamos sem o músico, e sem o meu amigo que iria para filmar a cena. Eu estava enrolada com os tecidos brancos da múmia, meu personagem, só até a metade do corpo. Vendo isso, L. se



colocou em volta de mim com uma fita crepe na mão e me enrolando tecidos e prendendo com fita.

A sala estava iluminada por um sol claro, a mesa estava lotada de sacolas com roupas e cores das maquiagens. Durante nossa arrumação, chegou R. e, para nossa surpresa, J., que queria tomar seu papel de pai da menina. Momento de grande dilema para todos do grupo, já que ele foi um dos principais responsáveis pela elaboração da história que estávamos apresentando. Além disso, tinha muita facilidade para estar em cena. No entanto, o fato de ter faltado a tantos ensaios o impossibilitava de apresentar conosco. Ao mesmo tempo, não seria justo com a Jjj., que já tinha transformado e trabalhado seu novo papel.

Felizmente já havíamos conversado sobre a possibilidade disso vir a acontecer, e o grupo já tinha concordado que por ele ter faltado ensaios demais justamente quando havíamos nos comprometido com os outros componentes do grupo a não faltar mais, aliado ao merecimento de Jjj, o papel seria dela.

### 3.11 DÉCIMO PRIMEIRO ENCONTRO

A Secretaria Estadual da Saúde em parceria com a Prefeitura de Porto Alegre realizaria no dia onze de novembro um evento em comemoração ao Dia Internacional da Saúde Mental. A proposta era promover um debate sobre saúde mental com a comunidade. O evento contaria com mostras de trabalhos, exposições das produções de usuários dos serviços de saúde mental, rodas de chimarrão, piqueniques. Dentre a programação havia espaço para apresentações, mediante inscrição prévia. L. havia proposto ao grupo que apresentássemos nossa cena nesse dia, convite que foi recebido com entusiasmo por todos nós. O evento aconteceria em um importante espaço público da cidade de Porto Alegre: O Parque da Redenção.

Situado próximo ao centro da cidade, o Parque compreende um amplo espaço com inúmeras espécies de árvores exóticas, 38 monumentos e diversas opções de lazer como parque de diversão, jardins temáticos, feira de artesanato e antiquário.

Havíamos combinado de ensaiar no dia oito de novembro para a apresentação do dia onze, mas o que acabamos fazendo foi nesse dia parecia mais

importante do que ensaiar: durante pouco mais de uma hora fizemos uma avaliação do nosso trabalho e do nosso processo de criação.

Conforme íamos falando, eu ia anotando o que conseguia no verso de um polígrafo, tudo meio improvisado. É interessante observar o quanto nos afetam os olhares dos outros sobre nosso trabalho. Escutar a opinião dos participantes e observadores, como as psicólogas do CAPSi que acompanhavam nossos encontros e que não participavam da cena, foi muito importante, pois me deu uma dimensão maior do trabalho que estava realizando. Quando temos facilidade para alguma coisa, fica difícil perceber que ela pode ser difícil para outras pessoas. Quando as residentes disseram que estavam bastante satisfeitas com nossos encontros, também fiquei satisfeita por estar ali.

As falas da A., psicóloga do CAPSi, e de L., residente de enfermagem, me fizeram especialmente feliz. Elas ressaltaram que somente enfrentando nossos medos (de apresentar a cena, de se expor durante os ensaios), é que foi possível concretizar o trabalho. De minha parte, o medo maior envolvia o trabalho todo, de forma que esse enfrentamento do medo atravessou a mim também, no momento em que segui levando a oficina adiante apesar de todas as inseguranças.

Sobre a não participação de J., que estava presente nesse dia, fiz questão de dizer que tinha ficado bem chateada por ele não ter participado. A. observa que, como ele faltou porque havia decidido viajar para casa dos seus tios, foi uma opção sua não estar presente. Quando chegou a vez de Jjj. Falar, ela disse que tinha ficado com medo de perder seu papel para ele na última hora, já que havia ensaiado com bastante dedicação em todos os encontros desde que tinha assumido esse papel.

### 3.12 DÉCIMO SEGUNDO ENCONTRO

Dia onze de novembro, dia da apresentação na Redenção e do meu aniversário! No nosso ponto de encontro, uma desagradável surpresa de última hora: A Jjj. não vem, estamos sem a mãe!. Estávamos eu, L., Bb., R. no local que havíamos marcado para nos encontrar. Eu faço a mãe, disse para o pessoal. L. já estava comprometida com dois personagens, e a B. havia estudado e se empenhado tanto na composição da sua personagem, que não seria justo outro arranjo. Ficamos algum tempo nos arrumando ao lado do palco: roupas,

maquiagens, capas, dentes e muitas fotos. Esse momento foi bem bonito para mim, pois ali chegavam nossos familiares e amigos que tinham ido para assistir a nosso trabalho.

Subi ao palco usando o vestido da L. Em cena, nenhum banco comprido para servir de cama: em vez disso tínhamos três cadeiras enfileiradas. Na hora que viu aquilo, Bb. disse que não tinha como deitar ali. Eu concordei, mas também não via outra forma de resolver o problema. Tivemos que improvisar com o que tínhamos ao nosso dispor: o chão e uma espécie de colcha. Dessa vez o flautista e os monstros apareciam no fundo do palco que não tinha nenhuma espécie de coxia, de forma que todos estavam todo o tempo em cena.

E tinha o microfone. Meu Deus, que difícil usar aquele microfone! Esse elemento sempre me causou desconforto quando posto em cena. Eram dois: um para a flauta de T., e outra para os atores. Era preciso compartilhar! E na hora do nervosismo, como é difícil! Em uma das minhas saídas levei junto o microfone, e fui salva – como sempre – por L. O som da voz dos atores ficava alta, baixa, pouco se ouviam os monstros. Nunca gostei de microfone, bem como nunca me agradou a idéia de interpretar a personagem da mãe. Mas, depois de algum tempo, tudo se transformou.

Durante o primeiro sono, as bolhas de sabão ficaram muito bonitas. O vento esteve ao nosso favor durante boa parte da cena. E foi tão bonito ver aquela menina sonhando com tantas bolinhas de sabão ao seu redor, ao som da flauta, que logo depois da primeira entrada dos monstros, eu já havia sido transportada para outro lugar. De repente era criança de novo, e brincava com meus amigos perante os outros. Sem medo, sem preocupação, feliz por existir e estar vivendo aquele momento.

No fim da cena, um diálogo inusitado entre a menina, sua mãe e a professora serviu para que eu compreendesse o quão fluida seriam todas as nossas apresentações. Estamos brincando sempre, o que abre espaço para aquilo que garante a parte viva da cena, o inusitado do Teatro, o novo do agora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho me propus a experimentar algo desconhecido para mim. Além conhecer um Centro de Atenção Psicossocial, também me foi permitido participar na elaboração de uma cena dentro do espaço da Oficina de Teatro.

Nesse processo, a assunção da ignorância deu espaço à invenção. O desejo de transformar esse curto tempo de convívio em algo prazeroso e produtivo, me fez estabelecer estratégias para enfrentar aquilo que não estava ao nosso favor. Como exemplo, a cisão inicial que havia no grupo entre “os que sabem” e “os que não sabem” fazer teatro. Essa distinção limitava nossas ações na medida em que o engajamento daqueles reconhecidos como “os que não sabem fazer teatro”, era sempre menor.

Estar em cena sempre foi muito importante. É o momento onde encontramos com o colega do grupo, em outro contexto, momento em que seu olhar mostra que não estamos sozinhos. Como atriz me sentia mais confortável me ocupando com personagens mais secundários, contrariando as expectativas do grupo.

A concomitância desse trabalho com o desenvolvimento de meu segundo estágio curricular, na Escola Municipal de Ensino Médio Emilio Meyer, foi muito rica. A partir do diálogo que estabeleci entre essas duas experiências, percebi o tênue limite entre a loucura, e a normalidade.

A ideia de que qualquer pessoa pode fazer teatro, desde que consiga comunicar, me inspirou durante todo o processo. Afinal de contas, teatro é a comunicação de quem faz para quem vê.

O Teatro, como espaço de experimentação, garante uma aproximação segura da ficção. Quem joga ou brinca tem a tranqüilidade de comandar de alguma maneira a sensação de ser outro, podendo resolver os problemas de diversas maneiras diferentes.

No início do trabalho, meu desejo secreto era provar que todas as pessoas podem ser iguais, apesar das diferenças. Eu acreditava que qualquer um conseguiria elaborar uma cena. Chego ao final do processo compreendendo a inocência da minha primeira intenção. Minhas vivências no Casa Harmonia serviram para me lembrar das infinitas possibilidades que o Ser Humano tem de ser, e de se expressar, de se comunicar, de receber o que comunicamos.

A sensibilidade Humana é um mistério! Às vezes eu penso na relação entre as pessoas como se fôssemos um motorzinho, onde cada um produz uma energia, um campo magnético. O meu esforço é em compreender a energia que cada pecinha está emitindo naquele momento, na tentativa de harmonizar nossos desequilíbrios (Diário de Campo).

Lembrei-me do início da graduação. Eu tinha tido poucas experiências anteriores com Teatro, e estava entrando na faculdade para aprender como era o *jeito certo* de fazer Teatro afinal, pensava “só pode ser isso que a faculdade ensina”. A convivência diária com colegas que tinham uma excelente desenvoltura em cena contribuía bastante para sedimentar essa minha compreensão errada das coisas. Fui me livrar desse engano somente quando tive a possibilidade de experimentar esse outro lado da sala de aula. Penso na aula de arte não como o espaço legítimo da subversão – qualquer disciplina tem o potencial de subverter as coisas – mas sim em um espaço onde a subversão deve ser a primeira ordem. Sem discussão de regras em grupo e sem rearranjo das coisas que tínhamos planejado não poderia existir relação, construção em grupo.

Passei a me ocupar mais em observar como estava o envolvimento das pessoas do que com a atuação propriamente dita. Nesse momento meu papel ali não era muito claro. Eu não estava dando aulas, nem tampouco dirigindo um espetáculo. Ao mesmo tempo, tinha a responsabilidade de propor meios pelos quais chegaríamos à elaboração da nossa cena, esse momento onde encontramos com o colega em outro contexto, sustentado por nosso desejo de estar ali.

## REFERÊNCIAS E OBRAS CONSULTADAS

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

EU sou Curinga! O Enigma! Direção: Carmen Opirari e Sylvie Timbert: São Paulo/Paris: Calounga Films, 2003. 1 DVD (88min), color, som original em português, legendas em francês.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FRAYZE-PEREIRA, João A. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.17, n. 49, p 197-208, set/dec 2003

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura**, Loucura e desrazão. São Paulo: Brasiliense, 1989.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**, práticas dramáticas e formação. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**. Processo de Criação Artística, São Paulo, Annablume/Fapesp,1998.

SILVA, Jardel Sander da. **Almacorpoação**: reflexões sobre uma experiência com teatro e loucura. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.